

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 971	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 DE DEZEMBRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## Theatro de D. Maria II—Frei Luiz de Souza



ACTOR EDUARDO BRAZÃO  
(Manoel de Souza Coutinho)



ACTRIZ ANGELA PINTO  
(Magdalena)

### Chronica Occidental

É hoje o ultimo dia da regencia do principe D. Luiz Filippe. Os boletins meteorologicos da politica deram sempre o tempo como variavel; mas, apesar de todos os máus prognosticos, nunca o sol deixou de luzir como se sempre fôra sabbado de Nossa Senhora. E ainda bem.

No paço das Necessidades foi ao ministerio offerecido hontem um jantar pelo sr. D. Luiz Filippe, que, mais tarde, perto das dez horas, quando chegou a S. Carlos, foi pelo publico recebido com uma grande manifestação de sympathia. Ia cantar se o quarto acto da *Aida*.

Abriu S. Carlos, o que quer dizer que o almanach da sociedade elegante já marcou o principio do inverno. O Chiado já todas as noites se anima com a passagem das carruagens em cujo interior, sedas, rendas e joias scintillam.

Foi unanime a critica elogiando a companhia contractada pelo sr. Pacini, alguns cantores já muito conhecidos em Lisboa, e outros que mostraram ser justissima a fama que os precedêra. A *Aida*, opera escolhida para sua apresentação, é das mais queridas do publico de S. Carlos. Quando, pela primeira vez, aqui se representou, em 1878, salvo erro, foi tal o exito, que a companhia dos caminhos de ferro estabeleceu comboios especiaes para que os habitantes das villas e cidades mais proximas, até Santarem, pudessem gosar seu bocado tambem da musica de Verdi.



ACTOR FERREIRA DA SILVA  
(Telmo Paes)

O tempo vae entrar na melhor de todas as épocas para os emprezarios de Lisboa, que é este que medeia entre o Natal e o Entrudo.

No dia 23 teremos a *Venus* no theatro D. Amelia. Dizem-se maravilhas do esplendor com que será posta em scena. Contos e contos de réis, segundo se diz, foram gastos em scenario e guarda-roupa. Nunca até hoje outra peça foi levada á scena com maior luxo em theatros de Lisboa. Uma representação no dia de Natal, que deve realisar-se de dia, será dedicada ás crianças, para quem ha de ser uma festa. A musica é de Augusto Machado.

Falámos do que ha de vir, não esqueçamos do que já foi, que muito haveria a dizer d'estas ultimas noites no theatro de D. Maria II. Eduardo Brazão, pela primeira vez, desempenhou agora no *Frei Luiz de Sousa* o papel de Manoel de Sousa Coutinho. Um triumpho como era de prever. As enchentes succedem-se desde então, e, mais uma vez, o drama pungente de Almeida Garrett foi applaudido como o merece a obra prima do theatro portuguez. Angela Pinto encarregou-se do papel antigamente desempenhado por Virginia e com talento soube dar conta do recado difficil. Os mais papeis foram distribuidos como ha annos e continuaram merecendo applausos.

Seria decerto muito longa a nova carreira do *Frei Luiz*, se a data do centenário de Bocage não obrigasse a empreza a substituil-o no cartaz pela peça em tres actos do sr. Lobo d'Avila, *O coração de Bocage*, que amanhã deve ser representado pela primeira vez. No dia seguinte, a mesma peça será representada

em Setubal, no theatro D. Amelia, pela companhia de D. Maria.

O theatro assim, n'estes ultimos dias, haverá prestado homenagem a duas das maiores glorias da litteratura portugueza, dois verdadeiros genios, já hoje indiscutíveis. A Garrett paga-lhe uma divida de gratidão, que não houve em Portugal quem mais pelo theatro empregasse todos os esforços do seu talento; e a Bocage, exaltando-o, cumpre tambem um dever, que muito lhe devem as letras patrias, e todas as artes são irmãs.

Consola ver, ainda que tardia, a apothese feita aos grandes homens, áquelles que se apagaram, muita vez esquecidos dos seus contemporaneos, e que, depois de mortos, mais ainda depois de mortos, continuam espalhando a luz benéfica do seu talento sobre as gerações.

«Immortalidade és minha!» exclamára Bocage, um dia, ao lêr os elogios que Filinto lhe endereçava. E a immortalidade segura não lhe dava sequer para viver!

Não foi Almeida Garrett tão infeliz; mas quanto padeceu tambem, que invejas, que desprezos, que humilhações! Na vida dos grandes homens, que depois tanto admiramos através de suas obras, póde aprender-se muita philosophia, e biographos ha que entendem não dever esconder ao publico nem sequer pequeninos ridiculos de que os heroes soffreram. Quando o leitor muita vez só desejaria vêr o escriptor genial, quer quem lhe conta a vida, mostrar-lhe a medalha pelo direito e pelo reverso, e descreve-o na lucta com suas esperanças e desanimos, com todos seus talentos e fraquezas. E doe-se o leitor muita vez, e onde ia procurar um prazer do espirito enterra frequentemente um espinho no coração.

Deveria ser assim, talvez. Assim é, quando lêmos a historia de Garrett contada por um amigo; assim é, quando lêmos a miseria de Bocage descripta sobre documentos autenticos.

A curiosidade sobre pequeninos incidentes da vida dos grandes homens foi de todos os tempos. Chegaram até nós as anedoctas de Pericles e de Socrates e do cão de Alcibiades. Mas as imagens dos heroes vão sempre purificando-se, cada vez mais, até quando não se apaguem de todo rumores de raiva, murmurios de inveja.

Um d'estes dias, com a presença do Principe Regente e de todos os elementos officiaes, foi nos Jeronymos lançada a primeira pedra do mausoléu que deve recolher o cadaver de Almeida Garrett, ainda, por enquanto, n'um sarcophago provisório.

Setubal está em festa. Na linda cidade do Sado nasceu Bocage, o que havia de chamar-se na Arcadia Elmano Sadino, para que maior gratidão lhe devessem os seus patricios.

Esperam-se que sejam deslumbrantes as festas. O tempo vai correndo propicio, embora estejamos em meados de dezembro. As ornamentações não haverão de soffrer, nem de perder esplendor o cortejo civico. Musicos e pintores trabalharam a uma commissão para que as festas fiquem memoraveis, e illustres oradores já celebraram a obra de Bocage levando aos espiritos o conhecimento do que foi o mais notavel dos poetas dos fins do seculo XVIII em Portugal. As praças e ruas de Setubal serão hoje percorridas por differentes bandas e á noite haverá sarau poetico no theatro D. Amelia e conferencia pelo erudito professor, dr. Theophilo Braga.

Em outras terras de Portugal assim houvesse o mesmo orgulho, a mesma estima, por aquelles que lhes deram gloria. Na exposição artistica, promovida pela associação das classes laboriosas, figuram uns sessenta quadros devidos a artistas setubalenses. Lá figuram uns dez quadros do Morgado de Setubal, lá revela mais uma vez seu talento o nosso querido amigo João Vaz.

De tão bellas festas, mais pormenoradamente, o OCCIDENTE se hade occupar no proximo numero.

Em Lisboa só no theatro de D. Maria a peça do sr. Lobo d'Avila recordará a data do fallecimento do grande poeta portuguez. A morte para alguns é nascer para a eternidade. Um anniversario funebre é assim uma data gloriosa.

Falamos da morte e falamos d'aquelle theatro recordou-nos agora o fallecimento de José da Costa, o dono do hiosque no Rocio, perto da Bitesga, que tomára a seu cargo dar alimento aos pombos que nos capiteis das columnas de D. Maria, nas cimulhas, nos pedestaes das estatuas, tinham escolhido abrigo e fabricado seus ninhos. Era um encanto vê-los, a horas certas, juntando-se, correndo ao milho que José da Costa lhes atirava para cima do mosaico.

Pombos não choram, mas não de sentir a falta do protector, que tenha, Deus o queira, successor com os mesmos bons instinctos.

O milho!... Pois não vemos o mundo inteiro andar atraz d'elle? Pois em que mais se tem pen-

sado durante estes dias, senão, e constantemente, —é vêr os jornaes todos—n'essa já tão celebrada questão dos tabacos, que milho são ou em milho se não de tornar?

Annunciam-se casos de sensação na politica, logo que El-Rei chegue de Paris. Já poucas horas ha a esperar e veremos o que succede. A montanha tem gritado com dôres, mas, apesar da toda a philosophia das fabulas, ninguem, d'esta vez, espera um simples ratinho.

O que succederá breve ha de vêr-se. Vem El-Rei, sr. D. Carlos, a estas horas, atravessando a Hespanha e por lá encontrará tambem noticia do muito de que é capaz a ansiedade do milho. Lá lhe contarão o caso do Marquez de Gayo del Rey, e como foi denunciado pelo deputado republicano Soriano, e como este foi agredido pelo filho do Marquez. *Les affaires sont les affaires*, como diz Mirbeau; mas nem tudo são negocios confessaveis.

Chega El-Rei da sua viagem e encontra em Portugal todos os politicos excitados, dispostos para a lucta. Abrem as camaras ou não abrem? São ou não dissolvidas? Temos ou não temos dictadura? São as perguntas que todos fazem. Interessou-se o publico pela aposta das *Novidades*.

Agora que são férias para tantos, acabaram as férias para outros.

JOÃO DA CAMARA.

## THEATRO DE D. MARIA II

FREI LUIZ DE SOUZA

O acontecimento theatral da semana finda foi a recita de sabbado 16, em D. Maria, com que realisou a sua festa artistica o primoroso actor Ferreira da Silva. Este promenor só de per si constituia um facto importante do mundo scenico e era sufficiente para que trasbordasse de espectadores a sala nobre do bello edificio do normal, cuja construcção se deve á iniciativa do grande Almeida Garret, que, como estadista e parlamentar conseguiu que a arte dramatica tivesse um templo condigno; como já conseguira, como abalizado escriptor, que a litteratura dramatica operasse entre nós a evolução e respectivo rejuvenescimento, que se notava na franceza.

Como vinhamos dizendo a festa d'um artista da estatura de Ferreira da Silva, marca sempre uma nota excepcional na vida dos bastidores; mas, quando tem a enaltecel-a um programma superiormente organizado, o interesse do publico recresce, como é facil de prevêr, e mais alguma coisa se pretende do que cumprimentar o beneficiado, e assistir ás ovações que lhe fizerem, collaborando n'ellas. Sente-se o incommensuravel desejo de presenciar o spectaculo na sua apresentação, de se ser dos primeiros a sentir as commoções que porventura elle despertar.

Todos sabem que o talento de Ferreira da Silva lhe conquistou um sem numero de fervorosos admiradores que, annunciada a sua recita d'honra, ali concorreriam, embora o cartaz accusasse a representação da peça mais estafada ou a de menor agrado do repertorio da casa. Os resultados pecuniarios seriam os mesmos e as manifestações de estima e consideração não arcfeceriam por isso. Mas Ferreira da Silva, com a modestia que o caracteriza, não quiz, nunca, que os seus admiradores fossem n'essas noites ao theatro estritamente por sua causa. — Não sou eu que os trago cá, é a peça, dirá elle, talvez e poderia acrescentar: vindo não me fazem favor nenhum!

Este anno escolheu a *reprise* do *Frei Luiz de Souza*, esse mimo de estylistica e concepção que brotou do pujante cerebro do restaurador do theatro portuguez. Porque foi escrevendo este magnifico drama e o *Alfageme de Santarem*, a *Sobrinha do Marquez*, *Um auto de Gil Vicente*, *Filippa de Vilhena* etc. que Garrett, como acima referi, levantou o nosso theatro.

O drama apesar de ter tido outra *reprise* no mesmo palco ainda ha poucas epochas, é dos que sempre despertam o interesse, e agora, tinha um outro attractivo: o papel de protagonista entregue ao illustre actor Eduardo Brazão e o de Magdalena desempenhado pela distincta actriz Angela Pinto.

Brazão foi soberbo e nunca o *Frei Luiz de Souza* teve melhor interprete; Angela que arcou com a grave responsabilidade do confronto com a grande actriz Virginia, houve-se correctamente, provando ainda uma vez o seu muito valor.

Ferreira da Silva tem n'esta peça uma das suas

principaes corôas de gloria, no personagem de Telmo Paes, o velho escudeiro, e, hoje, como ha cinco annos, arrebatou a plateia pela forma como representou.

Damos n'este numero os retratos dos tres notaveis artistas que se encarregaram das figuras mais salientes; mas injusto seria, logo que fallámos no desempenho, não fazermos menção especial de Delfina Cruz, que na parte de Maria se incarnou brilhantemente, e de Maia e Cardoso Galvão, que muito concorreram para que o conjuncto seja tão harmonico.

PEDRO PINTO.

## LUIGI MANCINELLI

Pela segunda vez, figura no elenco da companhia de S. Carlos, um dos primeiros maestros directores de orchestra do mundo, que veio substituir o maestro Lombardi, que se acha doente em Milão. Para aceitar a proposta que o sr. Paccini lhe fez, teve Mancinelli de regeitar o convite da empresa do theatro lyrico de Monte-Carlo, para onde estava contractado por toda a epocha. E' caso para os *dilletanti* do nosso theatro se regosijarem, pois tem a certeza, confiados no valor artistico do maestro, de que as operas serão ensaiadas com todo o esmero e proficiencia.



1 LUIGI MANCINELLI

No Covent Garden de Londres é o maestro querido, onde nunca se cançam de o applaudir phreneticamente, pelo acerto com que a orchestra executa as mais dificeis partituras, sob a sua direcção. Já em 1903 tivemos occasião de vêr como a opera de Wagner, então, nova para nós, *Mestres cantores*, foi habilmente ensaiada, tirando o maestro, da orchestra, o maximo colorido, sublinhando admiravelmente todas as passagens mais dificeis de tão notavel partitura. Foi essa opera que, entre nós, consagrou Mancinelli, e este anno, coincidencia notavel, será elle quem, de novo, dirigirá os ensaios da mesma opera, desde então não repetida no nosso theatro lyrico. O nome de Mancinelli n'um elenco impõe-se e dá-nos sempre a certeza de uma boa epocha lyrica.

Como compositor, tambem tem Mancinelli um nome glorioso na arte musical, e para isso bastará recordar o exito lisongeiro que obteve entre nós a sua opera *Hero e Leandro* e a symphonia *Cleopatra*, executada nos concertos effectuados em S. Carlos, em 1903.

De mais, tudo quanto dissermos de Mancinelli é pouco, e todos os jornaes tem dito d'elle o que ha a dizer, terminando nós estas linhas por felicitar, mais uma vez, aquelles que tiverem ensejo de avaliar a quanto sobe o seu alto prestigio e o seu incontestavel merito, não só como director d'orchestra, mas tambem como compositor.

## Centenario de D. Frei Caetano Brandão

Passou no dia 15 o primeiro centenario da morte de D. Frei Caetano Brandão, bispo do Pará e arcebispo de Braga, varão insigne de virtudes, e obras que exaltam sua memoria através os tempos.

Na diocese primaz, de que elle empunhou o báculo, não foi esquecido o virtuoso prelado, e na Sé de Braga, onde elle tem sua sepultura, celebraram-se solemnes exequias, promovidas por uma commissão presidida pelo illustre prelado D.

## Centenario de D. Frei Caetano Brandão



D. FREI CAETANO BRANDÃO

nos mostrar toda a magestade do Creador, apraz ás almas boas embeberem se na contemplação d'esses profundos mysterios que falam de Deus, de toda a sua prodigiosa obra, e por que frei Caetano Brandão tinha em si o germen do bem, mais se lhe enraizou no coração o amor de Deus e para elle só quiz viver.

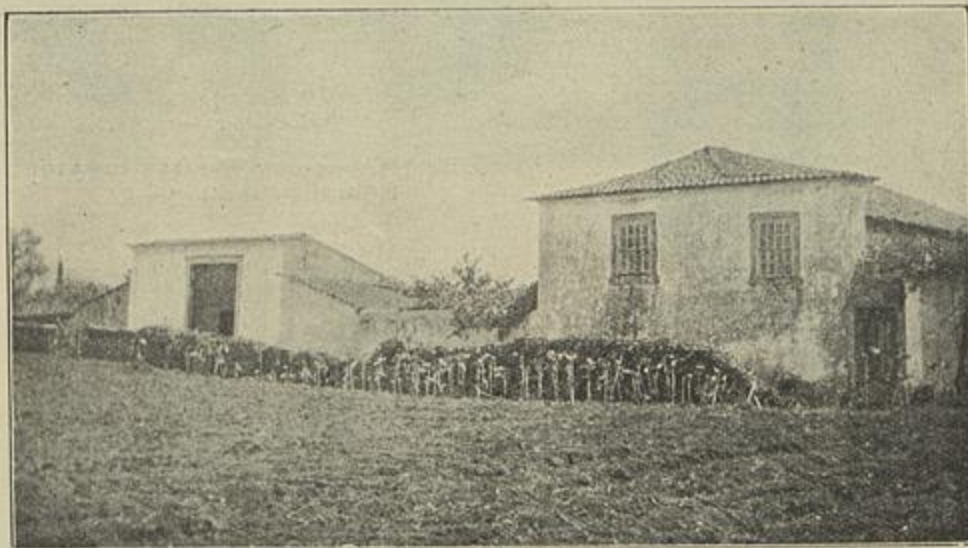
A 11 de setembro de 1740, no lugar e freguezia de S. João Baptista do Loureiro, do bispado do Porto, nasceu o preclaro varão, que na pia do baptismo recebeu o nome de Caetano, filho de Thomé Pacheco da Cunha e de D. Maria Josepha da Cruz.

Parece ter sido o primogenito, e que seus paes destinavam ao estudo das leis na univer-

sidade de Coimbra. Tiveram, porém, que modificar a sua vontade, porque toda a inclinação de seu filho era para vida do claustro, e assim elle professou a 28 de novembro de 1759, tendo 19 annos de idade, na ordem franciscana, no collegio de S. Pedro, em Coimbra.

Embora amando a vida recolhida da célula, como a que melhor se ajustava á humildade e ao desprendimento das vaidades do mundo, foram reclamados os seus serviços como professor e apostolo para educar e dirigir as almas.

Então começa o seu grande trabalho de evangelizador e, quer na escola, quer no pulpito, quer no confessorio, é incansavel. Os actos da sua vida não desmentem as suas palavras. elle é o primeiro a dar salutareos exemplos de verdadeiro christão.

CASA ONDE NASCEU D. FREI CAETANO BRANDÃO NO LOGAR DO LOUREIRO, FREGUEZIA DE S. JOÃO BAPTISTA  
(Photographia do sr. José Pinto da Silva Ventura)

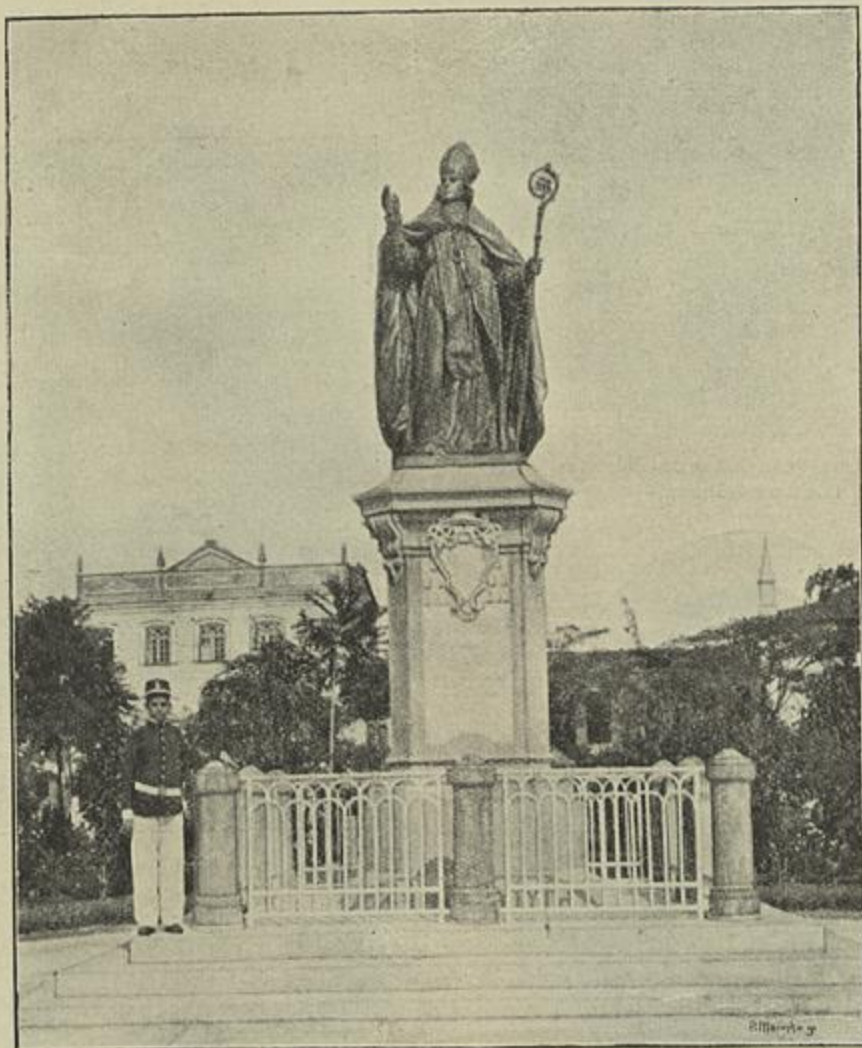
Manoel Baptista da Cunha, que hoje tão dignamente cinge a mitra primaz.

Justa commemoração foi esta, de quem tanto por suas virtudes e juizo claro honrou a religião de Christo como um dos seus mais fervorosos apóstolos, e por isso mesmo amou o proximo a quem encheu de beneficios.

E como poderia deixar de ser um fervoroso apóstolo de Christo, quem do berço logo se sentia atrahido para a luz do Evangelho.

Escrevem seus biographos, que dos mais tenros annos elle se inclinava á mystica, e que a despeito da vontade de seus paes, elle preferiu o claustro á vida secular.

Nascido em uma aldeia onde a vida é mais simples e mais em contacto com a natureza, que não se enfeita com os artificios do mundo para só

MONUMENTO A D. FREI CAETANO BRANDÃO NA CIDADE DO PARÁ  
(Photographia do sr. J. Siça)

A fama das suas virtudes impoem-se a despeito de toda a humildade que professa, e é chamado aos altos cargos da Egreja.

A custo aceita o ser bispo do Pará, e lá pastoreia o seu rebanho durante 6 annos, sendo transferido em 1789 para arcebispo de Braga.

O esplendor da mitra não offuscou o brilho da virtude e D. Frei Caetano Brandão, mais se inflamou no amor do proximo.

Elle dava quanto tinha para socorrer a miseria, e quando não tinha já do seu ia esmolar do alheio para acudir aos desgraçados.

Nos poucos annos que ali esteve fundou collegios e um hospital para o que angariou donativos e deu quanto tinha, e tão boa memoria deixou aos paraenses dos beneficios que lhes fez, que decorrido quasi um seculo, ali lhe levantaram um monumento na praça publica, em 15 de agosto de 1900.

Mas se o bispo do Pará mereceu tão grata memoria de seus feitos aos paraenses, que diremos do arcebispo de Braga?!

Na diocese primaz D. Frei Caetano Brandão não afrouxa na pratica do bem; prosegue em novos cometimentos de mais larga acção benefica, pois não só acode com os seus recursos aos pobres e aos enfermos, com verdadeira caridade evangelica, não só funda escolas e espalha a luz da instrucção e das verdades de Christo, como seu fervoroso apóstolo, mas cura com interesse da agricultura e das industrias, promovendo-lhe incitamento e progresso.

Se nos transportarmos á época e á sociedade em que o virtuoso prelado tinha que exercer sua acção, mais avulta a nossos olhos o valor moral d'este homem, que cuidando com tanto amor da causa de Deus, reconhecia em seu juizo claro quão importante era cuidar tambem do trabalho, pelo qual o homem completa a obra da criação, desentranhando da terra os mil thesouros que ella contem, em proveito da humanidade que d'elles carece para a vida social.

A agricultura, a industria por excellencia, mãe de todas as industrias, teve em D. Frei Caetano Brandão um protector.

Nos recursos da sua bolsa, que mais parecia thesouro inesgotavel, elle encontrou com que estabelecer valiosos premios pecuniarios para os lavradores que em cada anno mostrassem ter feito

# Associação Protectora da Primeira Infancia



CAP. RODRIGO ANTONIO ABOIM D'ASCENÇÃO  
Secretario da direcção (fundador)



GENERAL CONSELHEIRO MORAES SARMINTO  
Presidente da Assembléa Geral



CORONEL GUIHERME HENRIQUE CHARTERS D'AZEVEDO  
Vic.-Presidente da Direcção (fundador)



CORONEL JOSÉ MATHIAS NUNES  
Presidente da Direcção



DR. ANTONIO DE AZEVEDO  
Director fundador

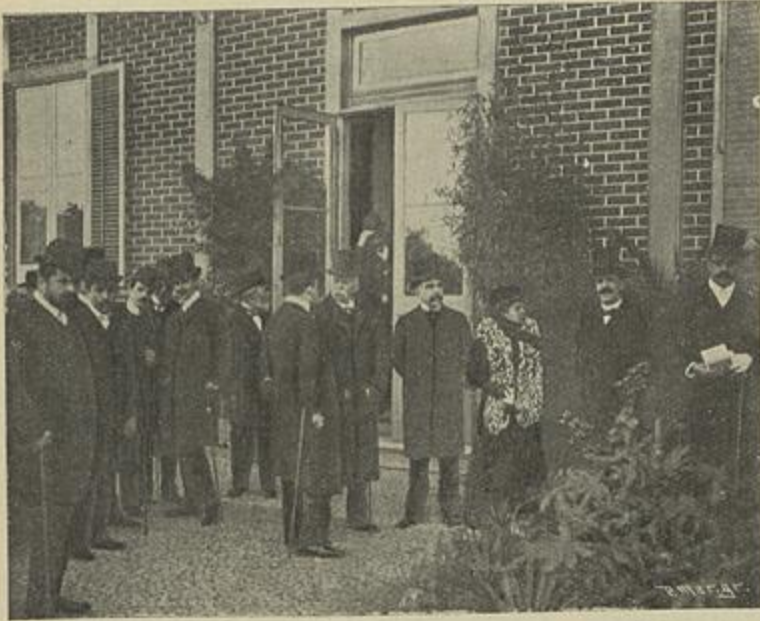


JOÃO MARÇAL PIRES  
Director fundador



JORGE CID  
Medico da Associação

# Associação Protectora da Primeira Infancia



DIRECCÃO E MAIS SOCIOS AGUARDANDO A CHEGADA DE S. M. A RAINHA SR.<sup>a</sup> D. AMELIA, NO DIA DO 4.<sup>o</sup> ANNIVERSARIO DA ASSOCIAÇÃO (3 de Novembro).



CHEGADA DE S. M. A RAINHA SR.<sup>a</sup> D. AMELIA AO LACTARIO

(Clichés do Sr. Carlos Moitinho d'Almeida)



GRUPO DE MÃES PREMIADAS

(Cliché do sr. Carlos Moitinho d'Almeida)



MÃE E FILHO



CREANÇAS CREADAS PELO LACTARIO

mais plantações e empregassem melhores preceitos agrícolas para o progresso de suas culturas. Como incentivo ás industrias estabeleceu premios para os aprendizes de officios, que melhor aproveitassem o ensino, apresentando obras mais perfectas, e o mesmo estabeleceu para as mulheres empregadas na fição e tecidos, nos trabalhos de malha d'agulha, nos de costura, bordados e serigrafia.

Não esqueceu os empregados de commercio, conferindo tambem premios aos caixeiros que mais se aperfeiçoassem na escripturação commercial e nas boas regras do negocio mercantil.

A sua acção, emfim, tanto chegou aos negocios do Ceu como aos da Terra, o mesmo é que dizer, tanto cuidou da alma como do corpo, pelo que a sua obra foi completa, e os povos onde elle espalhou seus beneficios, ainda hoje veneram seu nome e glorificam sua memoria.

Em um bello artigo a respeito de D. Frei Caetano Brandão publicado no *Commercio do Porto* pelo rev.<sup>o</sup> Padre Francisco José Patricio, outro devotado da instrucção, que com tanto zelo dirige o collegio dos orphãos, no Porto, lêmos noticia de um facto que desconheciamos e que mais vem ainda provar o fino espirito do notavel prelado bracarense.

Diz o rev.<sup>o</sup> Padre Patricio:

«Uma nota especial do que foi D. Frei Caetano Brandão, no affecto com que se interessava por acolher a juventude estudiosa e incitar as revelações artisticas, é um facto ainda pouco conhecido e que tem escapado a alguns dos biographos: visitava o arcebispo as freguezias do districto ecclesiastico de Villa Real e achava-se hospedado no convento dos franciscanos, quando os religiosos lhe apresentaram um rapazinho que mostrava grande vocação para a pintura e desenho: quiz o bondoso prelado tomar conta do estudante e mandal-o educar Oppuzeram-se a isso os paes, o arcebispo ainda deixou recommendado ao Morgado de Matheus, D. José Maria de Sousa, que continuasse as instancias, o fidalgo intercedeu; mas elles, só mais tarde é que resolveram a deixar vir o filho estudar para a Academia de Bellas Artes no Porto.»

«Chegado a esta cidade, o modesto filho da freguezia de S. João de Arroyos, de Villa Real, começou a frequentar as lições de desenho e pintura que davam então Domingos Francisco Vieira (o celebre Vieira Portuense), José Teixeira Barreto e Raymundo Joaquim da Costa.»

«Pois de tal modo se distinguiu, que ao vir ao Porto o grande pintor Domingos Antonio Sequeira tratar da reforma da Academia de Bellas Artes, já o novel pintor era contado no numero dos cinco discipulos queridos de tão insigne mestre. Depois foi lente de pintura, foi mestre das princezas na corte de D. João VI, fez os retratos d'este monarcha, de D. Carlota Joaquina, de quasi todas as pessoas da familia real, da duq<sup>ua</sup> eza da Terceira, etc.»

«Quando veiu o cerco do Porto pertenceu a um dos batalhões, foi muito estimado por D. Pedro IV, exerceu o cargo de director da Academia de Commercio e Marinha, que se transformou depois em Academia Polytechnica; pintou para a sala dos capellos da Universidade os retratos de D. João VI, D. Pedro IV, D. Maria II e D. Pedro V; pintou os tectos e varios retratos na camara municipal do Porto, pintou o salão de baile da casa do conde do Bulhão, pintou o painel do retable da igreja dos Congregados e deixou consignado em muitas obras o seu decidido talento artistico: chamou-se este protegido de D. Frei Caetano Brandão, João Baptista Ribeiro.»

«Não faltam pessoas que conheceram este estimado artista, que nas suas recordações de infancia bem dizia a preclara memoria do grande arcebispo bracarense.»

CAETANO ALBERTO

## ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA PRIMEIRA INFANCIA

Larga é a obra de beneficencia em Portugal. Os corações portuguezes, sempre promptos a socorrer os desamparados e os afflictos, fundam dia a dia instituições destinadas a minorar a sorte dos milhares de infelizes, que desgracadamente abundam pela capital.

De entre as numerosas instituições de beneficencia de Lisboa destaca-se, pelo seu objectivo, a *Associação Protectora da Primeira Infancia*, fundada em 1901 por um grupo de benemeritos, dotados de arrojada iniciativa, de acrisolado patriotismo e de decidido amor pelos infelizes entes, cujas mães, aniquilladas pela fome e pela doença,

não podem gosar da suprema felicidade de amamentar seus filhinhos.

Ditosas aquellas de cujo seio fecundo e saudavel dimana o liquido vivificante, o alimento unequalavel, em que vae diluida uma parte da alma da mãe extremosa. Aquellas infelizes, porem, que não podem gosar d'esse encanto sublime de nutrir com seus peitos os queridos pedaços da sua alma, têm a bemdizer o nome dos generosos fundadores da *Associação Protectora da Primeira Infancia*, á frente dos quaes se encontra o sr. capitão Rodrigo Antonio Aboim d'Ascensão, o glorioso iniciador, activo director e incansavel propugnador de tão patriótica e benemerita instituição.

O sr. Rodrigo d'Ascensão, conhecendo os altissimos serviços prestados n'alguns paizes pelas instituições conhecidas pelo nome de *Gottas de leite*, acalentou a sympathica e profundamente humanitaria idéa de organizar na capital estabelecimentos similares, que viriam livrar de morte certa muitas das infelizes criancinhas, ás quaes, logo aos primeiros vagidos, faltou o leite materno.

Essa idéa, germinada no cerebro d'aquelle illustre militar, encontrou decidida adhesão em alguns dos seus dedicados amigos, que logo deitaram mãos á obra, organisando-se os estatutos, que foram approvados por alvará de 3 de julho de 1901.

A *Associação Protectora da Primeira Infancia* tem por fim:

- 1.<sup>o</sup>— O estabelecimento de *lactarios* para fornecimento de leite e seus succedaneos, segundo as prescrições technicas, ás creanças de peito que, ou por sua orphandade ou por doença ou miseria das mães, não possam ser por ellas amamentadas;
- 2.<sup>o</sup>— A distribuição de dietas lacteas a parturientes nos casos em que o medico da Associação entenda ser conveniente;
- 3.<sup>o</sup>— O fornecimento de vestuário, nos *lactarios*, ás creanças de que trata;
- 4.<sup>o</sup>— O internato em regimen especial das creanças nascidas antes de tempo;
- 5.<sup>o</sup>— A divulgação e applicação da hygiene infantil.

Conhecido o fim da associação, cujo alcance foi ardentemente defendido pelos benemeritos fundadores, começaram logo a affluir os socios anciosos de collaborarem n'essa obra santa. Em 22 de novembro de 1903 foi festivamente inaugurado o primeiro *lactario* da associação, o qual funciona junto da sua séde, no largo do Museu d'Artilharia, no coração do populoso bairro d'Alfama, onde abunda a classe operaria, que assignalados beneficios tem recebido de tão philantropica instituição.

Mercê de uma parcimoniosa administração e da constante affluencia de donativos, a associação tem conseguido augmentar successivamente o numero de creanças protegidas, que actualmente é de cerca de cem.

O leite é fornecido por 12 esplendidas vacas *turinas*, installadas n'um estabulo construido *ad hoc*, em harmonia com os mais aconselháveis ensinamentos zootechnicos, sob a immediata direcção do distincto veterinario sr. José Miranda do Valle. Produzido segundo as mais rigorosas condições hygienicas, o leite offerece condições de perfeita asepsia, podendo ser administrado crú ás creanças, conforme preceitua a mais recente doutrina medica.

Quando as circunstancias exigiam a esterilização do leite, a Associação está habilitada a fornecer-lo n'esse estado, pois possui autoclaves e outros appparelhos adaptados a esse fim.

A distribuição do leite é feita duas vezes ao dia, sendo acondicionado em garrafas, previamente lavadas em appparelho proprio e esterilizadas, as quaes são munidas de tetinas offerecendo um conjunto de condições indispensaveis á boa alimentação das creanças. As pesagens semanaes de todas as creanças, bem como as photographias tiradas no fim do aleitamento artificial attestam os magnificos resultados obtidos. As indicações das pesagens e todos os dados referentes á vida das creanças são cuidadosamente registados n'um livro especial, que será um precioso guia para um estudo rigoroso do regimen lacteo artificial na infancia. Os serviços clinicos e hygienicos estão a cargo do sr. dr. Jorge Cid, que, com inexcedivel zelo e carinho, vêla pelas criancinhas, ás quaes prodigaliza todos os recursos da sua intelligencia e do seu coração.

A par da alimentação apropriada á idade e robustez das creanças, o *lactario* ministra tambem ás mães um constante ensino sobre os mais indispensaveis conhecimentos em materia de hygiene infantil, o que torna duplamente util a instituição.

Entre as attribuições da direcção, compete-lhe convidar senhoras de reconhecida caridade, que se dignem ser *protectoras assistentes*. No cumprimento d'este preceito estatutario, todas as direc-

ções, no seu louvavel esforço de alargarem a acção benemerita da Associação, fizeram aquelle convite, que encontrou o mais benevolo acolhimento por parte das illustres associadas, em cujos corações de mães, de esposas ou de filhas estremecidas palpita enternecido amor pelas creanças desvalidas. A esse chamamento tão delicado e altruista accorreram dezenas de senhoras, que no dia 3 do corrente, data do 4.<sup>o</sup> anniversario da *Associação Protectora da Primeira Infancia*, receberam os distinctivos de *protectoras assistentes*, conferidos por Sua Magestade a Rainha D. Amelia, presidente honoraria da Associação. Entre outras, foram conferidos distinctivos ás senhoras:

Duqueza de Palmella, Marqueza do Fayal. Condessa do Lavradio, D. Anna da Fonseca Coutinho e Castro, D. Camilla da Silva Horta, D. Emilia Patacho, D. Ephigenia Restolho Callado, D. Feliciano Lobo de Vasconcellos, D. Helena Soares Varella Cid, D. Henriqueta Leotte Tavares, D. Joaquina Costa Ferreira, D. Luisa Boa Vista, D. Maria Gertrudes Moraes Caratão, D. Maria da Gloria Moitinho Simões d'Almeida, D. Maria Isabel Charters d'Azevedo, D. Maria Luiza Pato Moniz Pires, D. Maria Thereza Oliveira Calheiros, D. Maria da PieJade Lamas Aboim d'Ascensão, D. Thereza Serpa Pimentel, D. Virginia Carreira de Sousa Moraes, D. Isabel Maria Baleião Rio de Carvalho, D. Maria José Vaquinhas Leitão, D. Maria Leonor Correia Barreto, D. Olympia Soares Aboim d'Ascensão e D. Mary Elisabeth d'Oliveira Miranda.

Compete ás protectoras assistentes, entre outras funções, visitar nos domicilios as creanças e parturientes protegidas pela instituição.

Esta missão é bastante espinhosa, mas de altissima importancia para a effectiva acção dos *lactarios*. A assistencia domiciliaria foi implantada com soberbos resultados na cidade de Elberfeld (Alemanha), sendo de esperar que entre nós atinja o mesmo fim.

A *Associação Protectora da Primeira Infancia*, embora conte actualmente perto de dois mil socios, lucha ainda com grandes difficuldades para alargar a sua acção. Ao plano de estabelecer postos de distribuição de leite nos centros mais populosos da capital oppõe-se o grande dispendio das installações. De esperar é, porém, que dentro em breve—attendendo ao fim tão benemerito d'esta utilissima instituição, á decidida dedicação dos seus directores e á reconhecida caridade do povo portuguez—a Associação consiga o seu patriotico intento, para cujo bom exito o governo deve concorrer com o seu indispensavel auxilio.

Esta instituição, que obedece a um fim essencialmente humanitario e patriotico, porquanto visa a defender a vida das creanças, que mais tarde hão de fazer parte d'essa massa anonyma que se chama o povo trabalhador, esta instituição, repetimos, merece-nos toda a sympathia e protecção, sendo quasi um dever, para todo aquelle que pode dispor da insignificante quantia de cem réis por mês (é a quota minima do socio ordinario) o contribuir para tão prestimosa associação.

Feito este convite, que importa um dever, resta-nos apresentar os nomes dos generosos fundadores, directores, membros do conselho fiscal e da mesa da assembléa geral, fazendo votos para que a grande obra d'estes benemeritos progrida d'anno para anno, para interesse da raça e do paiz, que tudo tem a lucrar com o avigoramento do povo.

*Presidente da direcção*:—Sr. coronel José Mathias Nunes.

*Directores*:—Srs. dr. Antonio d'Azevedo, Augusto Maria Tavares Horta, Manoel Rodrigues Vaquinhas, Domingos José de Moraes Junior (thesoureiro), Quilherme Henrique Charters d'Azevedo e capitão Rodrigo Antonio Aboim d'Ascensão (secretario).

*Conselho fiscal*:—Srs. Conde da Guarda, João Marçal Pires e Antonio Joaquim Simões d'Almeida.

*Assembléa geral*:—Srs. conselheiro José Estevão de Moraes Sarmento (presidente) e dr. Antonio Rivara (secretario).

18-XII-905.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

## LITTERATURA RUSSA

UM SANTARRÃO

POR

IWAN TURGENJEW

Tradução de M. Macedo

(Concluido do n.<sup>o</sup> antecedente)

No dia immediato pus-me outra vez a caminho. A chuva, tal como na vespera, caia em jorros, ou, porém, não podia demorar-me.

No semblante do meu criado, no acto de me trazer agua para as minhas abluções, divisei um arzinho de riso, disfarçado, muito especial.

Eu percebia perfeitamente aquelle riso: significava que o meu servo soubera de qualquer coisa confidencial e escandalosa, talvez, com referencia áquelles viandantes. Ardia de impaciencia por m'o transmittir.

— Que tens tu, afinal?

— Meu amo, hontem, não viu aquelle Jurodiwi? encetou o meu criado.

— Certamente que sim, mas que queres dizer com isso?

— E não reparou na companheira?

— Reparei.

— E' uma menina muito decente; filha até de gente fidalga.

— Como assim?!

— Acredite que lhe estou dizendo a verdade; estiveram hontem aqui uns commerciantes de Ti e ficaram espantados.

Disseram-lhe logo o nome; mas se quer que lhe diga, varreu-se-me da ideia.

— Ainda por ahi estará esse tal Jurodiwi, ou já se iria embora? perguntei.

— Quer-me parecer que ainda cá está. Ha pedaço estava sentado ao portal, e fazia coisas tão espantosas, que estava toda a gente assarapantada a olhar para elle. Tanto engordam o cão até que asneia; e o caso é que elle se vai governando com a asneira.

O meu criado pertencia á mesma casta de criados civilizados do typo do celebre Ardalion.

— E a tal menina acompanha-o sempre?

— Pois já se vê; Deus os fez e Deus os juntou.

Galguei a escada e observei o Jurodiwi.

Estava sentado á porta, em um banco, segurando-se a elle com as mãos ambas, abanando para um e outro lado a cabeça pendente, tal qual uma féra na jaula. Encobriam-lhe os olhos as emmaranhadas melenas, agitando-se com o movimento, e do mesmo modo os grossos labios. Estes articulavam em murmúrio, que nem parecia som de voz humana. A companheira fôra lavar o rosto a um balde pendurado na fonte, e não tinha ainda posto o lenço na cabeça; dispunha-se a transpor uma prancha atravessada por cima da denegrida fossa de esterco e a encaminhar-se para a porta.

Assim que a vi de cabeça descoberta, de assombro juntei as mãos... Era a Sofia B!

Virou-se rapida para mim e fitou-me com aquelles seus olhos azues, tão parados como dantes.

Estava magríssima; a pelle curtida do tempo assumira uma côr alaranjada; afilára-se-lhe o nariz e os labios me pareciam cada vez mais finos e delgados. E sem embargo não se lhe havia desvanecido de todo a formosura; á expressão de outr'ora, somnambula e atonita, substituíra-se um não sei quê de novo: uma expressão resoluta, agudamente espirital. Não conservára os minimos visos de infantilidade aquelle semblante.

Acerquei-me.

— Sofia Wladimirowna, exclamei, pois é possível?... Com semelhantes andrajos?... e em semelhante companhia?!

Estremeceu, mirou-me ainda mais de fito, como que intentando identificar quem era que lhe dirigia a palavra; e todavia, sem proferir uma syllaba, afastou-se e foi ter com o companheiro.

— Akulininha, tartamudeou este, por entre suspiros e arrancos: os nossos peccados... os nossos peccados!

— Wassili Nakitisch, vamos embora, por esse mundo álem! Ouve? Para muito longe, muito, muito! exclamou, pondo com uma das mãos o lenço na cabeça, ao passo que com a outra agarrava pelo cotovello o Jurodiwi; vamos embora, Wapili Nakitisch, que isto por aqui é perigoso!

— Eu vou, mãezinha, eu vou, respondeu obediente o santarrão, e todo debruçado para aedeante, estacou em frente do banco. Mas o que é preciso é apertar melhor estas cadeias...

Corri apressado para Sofia, disse-lhe o meu nome, pedi-lhe encarecidamente que me escutasse, que me dissesse, sequer, uma palavra, expus-lhe que caía uma chuva torrencial, roguei-lhe que se lembrasse de que iam arriscar a saude, ella e o companheiro, e falei-lhe no pae... Tempo perdido; dir-se-ia achar-se dominada por uma vivacidade malevola, implacavel.

Sem me ligar a minima importancia, comprimia os labios, com a respiração entrecortada dirigia phrases breves, terminantes ao assustado Jurodiwi, afivelava-lhe o cinto, apertava-lhe as cadeias, punha-lhe na cabeça um bônne de panno com a pala rachada, mettia-lhe na mão o cajado, e, ati-

rando para cima do proprio hombro os alforjes, foi-o arrastando para fora do pateo até á estrada.

Não me assistia o direito de a deter; e d'ahi, para quê?

Ao meu ultimo e desesperado appello nem sequer se voltou para trás. Levando pelo braço o seu «homem de Deus», a passos rapidos, foi o arrastando através da lama negra, pegajosa; por momentos, apenas, pude seguir com a vista através dos vapores da nevoa matutina e dos jorros da chuva torrencial os vultos de Sofia e do Jurodiwi... Depois, ao chegarem a uma cabana, a estrada fazia um cotovello, e desapareceram para nunca mais.

Recolhi ao meu quarto e pus-me a scismar. Não percebia; não podia conceber que uma menina bem educada e rica desse de mão a tudo, aos lares paternos, á familia, a amigos e conhecidos, abdicando os seus habitos, todos os deleites da vida — e para quê? Para andar atrás de um vagabundo, semi-louco, fazendo as vezes de criada! O pensamento de que um impulso do coração ou outra inclinação menos natural, amor ou paixão a levassem a dar semelhante passo, nem por instantes a podia eu admitir; bastava lançar os olhos sobre a repugnante figura do «santarrão», para arrear de lado semelhante hypothese!

Não, Sofia ficára pura e immaculada, e no seu animo, tal qual d'aquelle vez m'o dissera, a impuridade era como se não existisse. Não attingia a perceber aquella sua resolução; e, todavia, não a condemnava, como tão pouco condemnei mais tarde a outras jovens, que igualmente se sacrificaram indiscriminadamente áquillo que tinham por verdadeiro, e que consideravam como sendo a sua missão.

Mas não podia levar á paciencia vêr Sofia seguindo um tal caminho; e comtudo, não podia eximir-me a consagrar-lhe a minha admiração e o meu respeito. Não era sem motivo, pois, que ella em tempos se referira á abnegação do proprio ser e á humidade...

A acção e a palavra estavam em absoluta coherencia. Procurára um guia e um mestre, encontrára uma e outra coisa... mas, santo Deus, em que creatura!

Sim, queria ser humilhada, aviltada, calcada a pés!...

Mais tarde vim no conhecimento de que coube em sorte á familia encontrar outra vez a rez tresmalhada e conseguir trazel-a ao redil. De volta ao lar paterno, não viveu muito tempo, e morreu «calando», sem confiar a alguém o seu segredo.

Repouse em paz esse teu coração, pobre e enigmatica creatura!

Wassili Nakitisch é de supôr que ande ainda perdido por esse mundo na qualidade de Jurodiwi; a férrea saude de semelhante casta de gente é deveras assombrosa.

FIM

M. DE MACEDO

\*\*\*

## A natureza e seus phenomenos

### PARTE IV

### OPTICA

#### CAPITULO I

#### A LUZ E SEUS EFEITOS

(Continuado do n.º 970)

Occupar-nos-hemos unicamente dos primeiros, como os mais frequentemente empregados. Estes podem ser *concavos* ou *convexos*, consoante a superficie polida é a interior ou a exterior da calotte espherica.

N'um espelho, temos a considerar:

1.º — O *centro da figura*, isto é, o ponto central da superficie;

2.º — O *centro de curvatura*, isto é, ponto que se tomou como centro, quando se descreveu a curva;

3.º — O *eixo principal*, isto é, a linha que une os dois centros;

4.º — A *abertura do espelho*.

Nos espelhos concavos, ha tres especies de focos:

Foco principal, isto é, o ponto de cruzamento

dos raios reflectidos que incidem parallelamente ao eixo principal.

Foco conjugado, isto é, o ponto de cruzamento dos raios reflectidos que não incidiram parallelamente ao eixo principal e provieram de um aorigem collocada além do foco principal.

Foco virtual, isto é, o ponto de cruzamento dos prolongamentos dos raios reflectidos provenientes da luz que estiver collocada entre o espelho e o foco princip. l. Este ponto está collocado atraz do espelho.



FIG. 51—ESPELHO ESFERICO

O que acabámos de dizer, com relação a um ponto, applicam-se para todos os pontos de um objecto.

Os effeitos nos espelhos concavos em relação ás imagens, são os seguintes:

I) Collocanda um objecto além do centro de curvatura, produzir-se-ha uma imagem real, invertida e menor que o objecto.

II) Collocando um objecto entre o foco principal e o centro de curvatura, formar-se-ha, além do centro de curvatura, uma imagem real, invertida e augmentada.

(Continua).

ANTONIO A. O. MACHADO

\*\*\*

## Conego Antonio J. d'Oliveira Bouças

Damos hoje o retrato do illustrado e talentoso vice-reitor do Seminario-Lyceu e governador do Bispado de Cabo Verde, rev. conego Antonio José d'Oliveira Bouças.

Raro se prestará homenagem tão pouco ambicionada, e no entanto tão merecida. Este caracter de eleição, em quem não sabemos se mais admirar os dotes de uma brilhante intelligencia, se os primôres d'um coração lavado e generoso, que se inflamma por tudo quanto é grande e bom, um portuguez de lei, que não viveria satisfeito, se os signos da religião de que é digno ministro, não se enterlassem tão gloriosamente com o lábaro da sua patria.

Orador, distincto, jornalista elegante e professor proficiente e consciencioso, é apaixonado pelos estudos historicos e fanatico pelas glorias portuguezas, d'esse fanatismo communicativo, que de cada discipulo, ainda o mais indifferente, forma um estudioso entusiasta!

Franco e rude para dizer a verdade, sem hypocresias, nem misteriosos rodeios, detestando, como herezia, a duplicidade, energico disciplinador, ninguem possui em maior grau o dom de atrahir a sympathia d'aquelles com quem trata.

Sempre tão esquecido de si, só elle ignora as preciosas qualidades que o tornam estimado. Conheceu-lhe bem estes dotes, o saudoso prelado fallecido, D. Joaquim A. de Barros, que o convidou para seu secretario em 1892, nunca o dispensando d'aquelle logar de confiança; e tanto o estimava que, ao retirar-se para o reino com grave doença que o victimou, não quiz que outro fosse o seu companheiro, não obstante as difficuldades que se oppunham á ida do rev. Bouças que, com enormes sacrificios, pagou affectuosamente a preferencia e estima, direi, admiração e amizade que por elle tinha o seu prelado. A primorosa e sentida biographia que fez do illustre morto, mostra bem quanto estas duas almas se entendiam e estimavam, muito embora os temperamentos tanto os distanciassem.

Tendo-se mostrado sempre um estudante applicado, fez com distincção o curso theologico no Seminario de Braga, revelando-se já entre os seus condiscipulos orador elegante e ardoroso, mostrando na facilidade da dicção e rapidez da phrase a limpidez das idéas, que é facil em conceber, e o calor da paixão que lhe é tão espontanea quão sinceros os sentimentos!

Os pulpitos de Braga conhecem-no bem, e em Cabo Verde, sabendo-se que o conego Bouças prega, não ha templo que chegue á concorrência. Notaveis discursos tem feito, mas só a muitos rogos conseguiram os seus amigos que publi-

casse o proferido nas festas Henriquinas na Sé de Cabo Verde.

Concluídos os seus estudos logo se distinguiu como professor de diversos collegios, colloborador de diversos jornaes e redactor do «Progressista».

Encontrando-se senhor de boa influencia politica, sem quasi saber como, nunca pensou em si e, quando o convidaram para o Ultramar, deixou-se suggestionar d'uma como que nostalgia das terras que primeiro pisaram os nossos descobridores e, contrariando as supplicas dos amigos politicos que lhe acenavam com um futuro cheio de esperanças, acceitou o convite sem que o demovesse a perspectiva d'uma vida trabalhosa, onde o clima prepara uma velhice doente, se velhice nos concede o Ultramar, sem ao menos uma reforma a garantir a invalidez de quem se inutilizou ao servir a patria. E' esta a sorte dos professores do Seminario-Lyceu de Cabo Verde!

Em Cabo Verde é professor de sciencias ecclesiasticas e de diversos preparatorios, desde 1892. Como professor, pode dizer-se, que abriu uma epoca nova no Seminario-Lyceu, pela orientação patriótica e entusiastica que soube incutir no espirito alegre dos jovens estudiosos.

Alumno que lhe passe pela aula é um ardente fanatico pela bandeira portugueza; o beneficio d'esta influencia só o avalia quem conhece o Ultramar, onde muitas vezes somos nós que cremos o desprezo por tudo quanto é portuguez!...

Em 1895 acompanhou o seu pre-



CONEGO ANTONIO J. D'OLIVEIRA BOUÇAS  
Vice-reitor do Seminario-Lyceu e governador do Bispado de Cabo Verde

lado na visita pastoral pelas insalubres ilhas do Archipelago, sempre bem disposto e dedicado amigo.

Em 1898 foi encarregado do Seminario Lyceu, na ausencia do dr. Ferreira da Silva.

Em 1900, estando no reino fundou a bem redigida revista «Esperança» e o interessante «Almanack de Braga», publicações que terminaram com o seu regresso a Cabo Verde, onde foi vigario capitular e hoje é governador do Bispado e vice-reitor do Seminario-Lyceu.

Ad multos annos!

X.

### Sociedade de Musica de Camara

Mais um concerto musical realizou a Sociedade de Musica de Camara, em a noite de 13 do corrente, no salão do Conservatorio Real de Lisboa. Esse concerto foi o 35.º e 2.º da quinta serie ou epoca de 1905-1906.

O programma constou de: Quintetto op. 16 de Beethoven.— Sonata op. 30 n.º 1 de Beethoven.— Septuor op. 74 de Hummel.

Este programma foi superiormente executado pelas ex.ªª sr.ª D. Esther e D. Luiza Campos, e pelos srs Michel'angelo Lambertini, dr. Manuel Ferreira Cardoso, José Innocencio Ferreira, Severo da Silva, Manuel Távares, João Manuel Gonçalves, Antonio Lamas, D. Luiz da Cunha Menezes e João E. da Cunha e Silva.

Breve se realizarão outros concertos, com que a Sociedade de Musica de Camara vae desenvolvendo o gosto pela boa musica.

## ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

## Santos Camiseiro

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25 — ROCIO

— LISBOA —

Sempre bom sortido de camisas, camisolas, meias, peugas, gravatas, punhos, collarinhos e muitos outros artigos de phantasia, como botões para collarinhos e punhos, carteiras, malas para viagem e lençaria.

ESPECIALIDADE EM CAMISAS PARA CASACA  
(o que ha de mais moderno)

Executa-se toda a rouparia por medida

## ROBURINA

MEDICAMENTO PREPARADO POR

JAYME JOSÉ DA COSTA

Pharmaceutico pela Escola Medico-Cirurgica de Lisboa

Tonico, reconstituente do systema nervoso, hyperglobulico e alimento de reserva, etc.

Empregado com efficacia, no tratamento da debilidade geral, anemia chlorose, neurasthenia e convalescença das doenças, etc., etc., conforme o provam os attestados dos principaes medicos da capital.

POSIOLOGIA. — A Roburina toma-se dissolvida em agua. Na falta de indicação especial do clinico, 3 colhêres das de chá por dia, antes de cada refeição.

Preço do frasco 800 rs., pelo correio acresce o porto

PHARMACIA JAYME JOSÉ DA COSTA

115, 117, Rua de Andaluz, 119, 121

Telephone n.º 1518

LISBOA

## Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A  
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata

Exposição Universal de Paris de

1900 **Grand Prix**—

Exp. de S. Luiz 1904

Exp. de Liege

**THE BERLITZ SCHOOL OF LANGUAGES**  
Academia de Linguas Vivas

Ensino pratico

por

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Alemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GERAES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemão, inglez, francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcionam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

## CASA BANCARIA

## José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

## LE DICTIONNAIRE

## DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle  
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais Espagnol,  
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

## Almanach illustrado do OCCIDENTE Para 1906

Sahiu a publico este interessante annuario e desde já se recebem encomendas. A capa é uma bonita aguarella do sr. José Leite. Preço 200 réis, pelo correio 220 réis.

EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO  
LISBOA